

## A tradução de humor pode ser ‘profundamente’ domesticadora? Jogos de palavras em *O xangô de Baker Street* traduzidos para o inglês

**Nilson Roberto Barros da Silva<sup>1</sup>**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

**Rozane Rodrigues Rebechi<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

**Resumo:** Recuperar o humor na tradução é uma atividade particularmente desafiadora, visto que a comicidade está diretamente ligada às estruturas linguísticas e especificidades culturais. E quando as passagens humorísticas são o cerne de uma obra, recuperá-las na tradução deve ser prioridade para que se mantenha a função do texto. O objetivo deste artigo é apresentar a análise da tradução para a língua inglesa de jogos de palavras contidos no romance *O xangô de Baker Street*, de Jô Soares, e verificar se o tradutor, Clifford Landers, conseguiu recuperar no texto traduzido a função desses trocadilhos, identificados por meio da Linguística de Corpus. Ademais, buscamos analisar se suas escolhas tradutórias são condizentes com sua declarada preferência pela estratégia domesticadora. Concluímos que o tradutor se valeu de domesticação e de estrangeirização na tradução dos jogos de palavras, e nem sempre as opções atingiram a almejada manutenção do efeito do texto original.

**Palavras-chave:** Tradução de jogos de palavras; Domesticação; Estrangeirização; Teoria do Escopo; Linguística de Corpus.

**Title:** Can humor translation be ‘profoundly’ domesticating? Wordplays in *O xangô de Baker Street* translated into English

**Abstract:** Rendering humor in translation is an especially challenging activity, as comicity is directly linked to linguistic structures and cultural specificities. And when humorous passages are at the heart of a work, their transference to the translated text should be prioritized so that the text’s function is maintained. The purpose of this article is to investigate the North-American English translation of wordplays in the novel *O xangô de Baker Street*, by Jô Soares, and to verify whether the translator, Clifford Landers, managed to render in the translated text the function of these puns,

<sup>1</sup> Professor e pesquisador na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6054-9386>. E-mail: [nilsonbarros@uern.br](mailto:nilsonbarros@uern.br)

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1878-7548>. E-mail: [rozane.rebechi@ufrgs.br](mailto:rozane.rebechi@ufrgs.br)

identified semi-automatically through Corpus Linguistics tools. Furthermore, we aim to discuss whether his translation choices are consistent with his stated preference for domesticating. We conclude that the translator used both domesticating and foreignizing strategies to translate wordplays, and the options did not always reach the desired maintenance of the source text’s effect.

**Keywords:** Translation of wordplays; Domesticating; Foreignizing; Skopos theory; Corpus linguistics.

## Introdução

Muito já se discutiu a respeito da (im)possibilidade de tradução de humor, como se verifica, por exemplo, nos trabalhos de Schmitz (1996) e Brezolin (1997). Entre outras razões, essa tarefa é dificultada pelo fato de o humor estar diretamente ligado às estruturas da língua em que é criado e a questões compartilhadas pela comunidade em que se insere. Assim, o que gera comicidade para o público de determinada cultura pode não atingir o mesmo propósito em outra. Afinal, como o humor em grande parte depende da forma por meio da qual as estruturas linguísticas são criadas, e considerado o fato de que as línguas não são estruturadas da mesma forma, a equiparação entre as palavras em línguas distintas dificilmente resultará em efeitos semelhantes.

Contudo, se a função do texto de partida é gerar o riso, tal função deve ser priorizada no texto de chegada, caso este tenha a mesma finalidade daquele (Cf. REISS; VERMEER, 1996). Daí a dificuldade de traduzir humor. E essa dificuldade é ainda maior quando o humor se insere em textos abundantes em referências culturais (Cf. ASENSIO, 2021), como é o caso do romance *O xangô de Baker Street* (SOARES, 1995). Na obra, Jô Soares, notório comediante brasileiro, constrói um enredo que mescla ficção e realidade para compor personagens e cenários recheados de humor, especialmente de jogos de palavras (doravante JPs), no Rio de Janeiro da época do Brasil Império. Publicada em 1997, a tradução da obra para a língua inglesa ficou a cargo de Clifford Landers, professor emérito da New Jersey City University e renomado tradutor de autores brasileiros, como Rubem Fonseca, Jorge Amado, Chico Buarque e Paulo Coelho.

Em 2001, Landers lançou um livro intitulado *Literary Translation: a practical guide*, com o objetivo de compartilhar com tradutores iniciantes e experientes dicas práticas relacionadas à tradução literária para a língua inglesa. Nessa obra, Landers (2001) afirma que, como tradutor, busca recriar no texto traduzido efeito análogo àquele do texto original, por meio de uma escrita fluente, que não seja percebida como tradução. Abertamente, Landers (2001) critica a ‘resistência’, encorajada especialmente por Venuti (1995), pesquisador que enxerga na tradução estrangeirizadora uma forma de preservação das culturas não hegemônicas, combate ao anglocentrismo e valorização da tarefa do tradutor.

Diante do exposto, esta pesquisa, que parte de dados levantados com métodos da Linguística de Corpus (McENERY; HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI, 2001), busca analisar a tradução de JPs em *O xangô de Baker Street*, com especial atenção a dois deles – ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’ –, e observar se a preferência pela domesticação se confirma em *A samba*

*for Sherlock* (SOARES, 1997). Objetivamos, também, avaliar as implicações das escolhas tradutórias para a recuperação do humor no texto traduzido.

Após esta Introdução, apresentamos as principais teorias que embasam esta pesquisa, apoiada em pressupostos da tradução de humor e da Teoria do Escopo e na dicotomia estrangeirização/domesticação. Discutimos, também, a declarada preferência do tradutor da obra em análise. Em seguida, comentamos a metodologia aplicada ao levantamento dos JPs no texto de partida (TP) e a identificação da tradução no texto de chegada (TC). A seção ‘Análise’ apresenta a discussão detalhada de dois JPs, além de mencionar brevemente outros, e tece considerações sobre a implicação das estratégias observadas para sua tradução. As Considerações finais encerram este artigo.

### Fundamentação teórica

Embasam este estudo pesquisas sobre a tradução de humor, mais especificamente de JPs, a predileção tradutória de Clifford Landers pela domesticação, e discussões acerca das vertentes domesticadoras e estrangeirizadoras do texto traduzido.

#### *Teoria e tradução de humor*

Segundo Delabastita (1996), JPs se referem a diversos fenômenos textuais que se utilizam de estruturas linguísticas semelhantes, em maior ou menor grau, para suscitar sentidos diferentes, também em diferentes graus. Portanto, os JPs estão vinculados à estrutura das línguas e são inerentes à linguagem. Para Chiaro (1992), JP é um termo que se refere a qualquer uso da língua com o objetivo de entreter, ou seja, é inseparável do humor. Assim, se os JPs são indissociáveis da língua, e sua principal função é a comicidade, podemos inferir que a tradução literal (Cf. CHESTERMAN, 2016) dificilmente será uma estratégia eficiente para recuperar na tradução o JP do TP.

Palmer (1904) argumenta que um dos primeiros usos para os quais o homem empregou o dom de falar foi o de brincar com as palavras e conectá-las, por vezes de forma arbitrária e criativa, com base em semelhanças superficiais entre elas. No processo de combinação dos *scripts* em um enunciado humorístico, é possível observar que a mesma porção de texto é compatível, no todo ou em parte, com mais de uma possibilidade de leitura ou interpretação. Por sua vez, Barnet (1957) compreende a expressão ‘jogo de palavras’ como imprecisa, mas conveniente para referir-se a uma grande variedade de recursos retóricos que ‘brincam’ com as palavras.

Neste artigo, adotamos a definição de JP apresentada por Delabastita (1996), segundo a qual

[j]ogo de palavras é o nome genérico atribuído aos vários fenômenos *textuais* nos quais *características estruturais* da língua ou línguas utilizadas são exploradas com o objetivo de gerar um *confronto comunicativamente significativo* de duas (ou mais) estruturas linguísticas com *formas mais ou*

*menos semelhantes e sentidos mais ou menos diferentes* (DELABASTITA, 1996, p. 128, grifo do autor)<sup>3</sup>.

Em suma, um JP confronta estruturas linguísticas (parte ou partes de uma palavra, uma ou mais palavras inteiras, ou uma frase) com diferentes sentidos, tomando como base suas semelhanças formais. A partir daí, Delabastita (1996) propõe uma tipologia de JPs em termos de ‘homonímia’, ‘homofonia’, ‘homografia’ e ‘paronímia’.

Considerando a discussão apresentada, podemos afirmar que, em geral, a função da tradução de trocadilhos e piadas é manter a comicidade do TP, qual seja, a de fazer rir. E, para tanto, diferentes procedimentos (tradução literal, adaptação, compensação) podem ser aplicados pelo tradutor, em momentos distintos, a depender do tipo de texto, do objetivo da tradução, do veículo em que o texto traduzido será divulgado, do público-alvo, entre outros. A fim de exemplificar, tomemos a seguinte situação: em um conto, romance, ou qualquer outra situação comunicativa em língua inglesa alguém lança um desafio como “*What has many keys but can't open any doors?*”. Como, em português, se diz que o piano tem teclas, e não chaves, a tradução literal não atingiria o objetivo de gerar comicidade. Se introduzido na interação apenas como uma brincadeira que independe do enredo já apresentado ou que ainda se apresentará, o desafio poderia ser recuperado por meio de outro, como, por exemplo, “O que é, o que é? Tem cabeça e tem dente, não é bicho e nem é gente.” Apesar de a charada no TC ter resposta diferente daquela do TP, a brincadeira infantil de adivinhação seria mantida no texto traduzido e, portanto, o efeito seria semelhante ao do TP. Contudo, piadas, trocadilhos, charadas, entre outras situações humorísticas nem sempre se apresentam aleatoriamente nas produções textuais.

Quando discutem questões sobre a (in)traduzibilidade do humor, muitas vezes os estudiosos exemplificam as estratégias por meio de exemplos como o apresentado no parágrafo anterior, abordando técnicas linguísticas – ambiguidade, mistura de idiomas, aproximação fonológica – para recuperar a comicidade, pois o humor, especificamente quando se trata de JPs, envolve aspectos idiomáticos muito próprios da(s) língua(s) em que é (são) escrito(s) ou falado(s) (Cf. SCHMITZ, 1996; BREZOLIN, 1997). Mas a árdua tarefa de traduzir passagens humorísticas pode se revelar ainda mais complexa quando os trocadilhos estão imbricados na trama, como ocorre frequentemente em *O xangô de Baker Street*.

Conforme discutido na introdução deste trabalho, os JPs são inerentes à própria língua e, portanto, naturais à mente humana (DELABASTITA, 1996), vinculando-se, assim, à estrutura das línguas. Em razão disso, não seria possível garantir, em todos os casos de tradução de JPs, que os seus efeitos e sentidos funcionassem igualmente na língua-alvo, e menos ainda que funcionassem de forma mais adequada na língua-alvo quando traduzidos por meio de estratégias que privilegiam o sentido em detrimento do efeito.

A questão da possibilidade ou impossibilidade da tradução de certos tipos textuais, como o humor e a poesia, por exemplo, associa-se à ideia mais geral de tradução como

---

<sup>3</sup> No original: “Wordplay is the general name for the various *textual* phenomena in which *structural features* of the languages(s) used are exploited in order to bring about a *communicatively significant confrontation* of two (or more) linguistic structures with *more or less similar forms* and *more or less different meanings*.”

transporte ou transferência de significados, ideia essa não compatível com esta pesquisa. Desse modo, ressalta-se que a abordagem de tradução mais coerente com os objetivos deste estudo encontra fundamento na proposta funcionalista de Reiss e Vermeer (1996), cuja Teoria do Escopo baseia-se na noção geral de que uma tradução deve servir de forma ótima à finalidade a que se destina. Sendo assim, portanto, o que realmente importa no processo de tradução é a capacidade de funcionamento do texto traduzido, e não a capacidade de transferência linguística mais ou menos fiel ao texto original (REISS; VERMEER, 1996).

Considerada essa noção, para a Teoria do Escopo, se, por exemplo, o texto original é engraçado, também a tradução deve propiciar um efeito risível, encontrando-se em segundo plano os recursos utilizados pelo tradutor para alcançar esse objetivo, razão pela qual, para Rosas (2002, p. 47), na Teoria do Escopo “os fins justificam os meios”, evidenciando, portanto, que, para essa teoria, o que está em jogo é a capacidade de funcionamento do texto traduzido, e não a fidelidade na transferência de material linguístico.

Uma das marcas mais importantes da Teoria do Escopo dirige-se à relação de *status* entre o texto-fonte e o texto-alvo. De modo geral, o texto é entendido como fonte de informação compartilhada por um emissor e um receptor inseridos em um contexto linguístico e cultural determinado. Por sua vez, a tradução é considerada como a oferta secundária de informação por meio da qual o tradutor oferece informações sobre aspectos do texto-fonte, de acordo com o objetivo ou função do texto-alvo (REISS; VERMEER, 1996; SCHÄFFNER, 1998, 2009).

Seguindo essa linha de raciocínio, e considerando a relação de proximidade entre os objetivos e o resultado de uma tradução, Brezolin (1997, p. 28-29) assevera:

A tradução de texto humorístico ou não humorístico é, assim, vista como uma atividade intelectual interligada à compreensão, conhecimento geral, língua e re-expressão. Uma atividade que não apenas admita as várias interpretações de seus leitores, mas que também aceite que o texto traduzido exista em função dos objetivos a que se propõe, considerando o texto original apenas como um ponto de partida.

Contudo, quando consideramos que o humor, em suas diferentes facetas, é parte – fundamental, no caso de *O xangô de Baker Street* – integrante de um romance, e, portanto, depende da contextualização, ou seja, daquilo que antecede e sucede a cena, recuperá-lo dependerá de – e terá efeito em – diversos fatores. Na obra analisada neste estudo, vemos a seguinte situação: a ‘recriação’ do ambiente de 1886 no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, sob o regime imperial de D. Pedro II, que pede a ajuda de Sherlock Holmes para desvendar o misterioso desaparecimento de um violino *Stradivarius*. Além do famoso detetive, personagem criado pelo romancista Arthur Conan Doyle, outras personagens fictícias ‘contracenam’ com notórias figuras da história brasileira, como os escritores Machado de Assis e Olavo Bilac. Com o desenrolar da trama, o originalmente competentíssimo detetive desvirtua, e acaba se deixando levar pelas ‘malandragens’ frequentemente associadas aos cariocas. Portanto, observamos na obra, repleta de situações cômicas, referências a pessoas e eventos que compõem a nossa cultura.

*O autor/tradutor Clifford Landers*

No livro *Literary Translation: a practical guide* (LANDERS, 2001), o tradutor de *O xangô de Baker Street* e de outras obras brasileiras, se propõe a compartilhar dicas práticas para que os profissionais da área, tanto iniciantes quanto experientes, lidem com questões relacionadas à tradução literária de qualquer idioma para a língua inglesa. Nesse ‘manual’, o autor/tradutor afirma que, assim como a maior parte dos tradutores literários, ele privilegia o efeito do texto traduzido entre os receptores, ou seja, o efeito causado pelo texto traduzido entre os seus leitores deve aproximar-se o quanto possível do efeito causado entre os leitores do original:

A perspectiva que predomina entre a maioria dos tradutores literários, embora não todos, é que uma tradução deve reproduzir no leitor do TC a mesma reação emocional e psicológica produzida no leitor do TP. Assim, se o leitor do TP sentiu medo, curiosidade ou divertimento, o leitor do TC também deve sentir (LANDERS, 2001, p. 49).<sup>4</sup>

Landers (2001) adverte, contudo, que o tradutor deve ter discernimento para não reproduzir erros gramaticais, erros factuais e incoerências, presentes no TP, e continua, afirmando que, em geral, uma tradução é entendida como bem-sucedida quando não soa como tradução, e sugere que o tradutor decida, antes de iniciar o processo tradutório, até que ponto a transparência será desejada. E essa opção é confirmada em entrevista. Quando indagado sobre a abordagem de tradução que orienta seu trabalho, Landers responde:

Eu, de preferência, levo o autor ao leitor, isto é, eu quero servir de ponte entre duas culturas. [...] o que o tradutor literário faz, principalmente, é traduzir culturas, e não palavras, nem ideias, mas é através da tradução das palavras e das ideias que ele chega a traduzir culturas. Então, levar o autor para o leitor é muito importante na cultura americana, porque, infelizmente, o leitor americano não se dá ao esforço de conhecer outras culturas (AGUIAR, 2010, p. 69).

A resposta ratifica o que já se supunha, uma vez que seria tarefa extremamente complexa, ou mesmo impossível, recriar o efeito de determinados elementos textuais (os JPs, por exemplo, mas não só eles) por meio de uma tradução palavra por palavra. Diante das afirmações de Landers, podemos concluir que o tradutor privilegia a tradução domesticadora (VENUTI, 1995, 2005), ainda que lamente a aversão de seus compatriotas por inteirar-se daquilo que não lhes é familiar.

Em outra entrevista (BENTES, 2005), Clifford Landers menciona especificamente a tradução das piadas e dos trocadilhos em *O xangô de Baker Street*, para os quais, segundo ele, precisou valer-se de todos os recursos criativos a fim de manter o efeito do texto original, qual seja, o de provocar o riso. Retornaremos às preferências tradutórias de Landers, mas antes nos parece necessária uma discussão acerca da dicotomia estrangeirização/domesticação,

---

<sup>4</sup> No original: “The prevailing view among most, though not all, literary translators is that a translation should reproduce in the TL reader the same emotional and psychological reaction produced in the original SL reader. Thus, if the SL reader felt horror or curiosity or amusement, so should the TL reader.”

conforme compreendida nesta pesquisa.

### *Domesticar ou estrangeirizar? Eis a questão*

A discussão sobre se a tradução deveria naturalizar a obra, de forma a facilitar a leitura pelo público-alvo, ou manter as características do texto de partida, podendo causar estranhamento para o leitor do texto traduzido, permeia os Estudos da Tradução desde muito antes de a área ser reconhecida como disciplina. Considerando a tradução de textos literários, em 1813 Schleiermacher descreveu dois métodos tradutórios: o primeiro aproximaria o autor do leitor, de forma a ‘facilitar’ a leitura, e o segundo implicaria em aproximar o leitor do texto estrangeiro, causando, necessariamente, o estranhamento (SCHLEIERMACHER, [1813] 2000). Retomando esses conceitos quase duzentos anos depois, nomeando-os, respectivamente, ‘domesticação’ e ‘estrangeirização’, Venuti (1995) advoga pelo segundo, que, de acordo com ele, costuma ser preterido pelo primeiro, especialmente nas traduções para a língua inglesa, evidenciando uma estratégia predominantemente anglocêntrica.

De acordo com Venuti (1995), o texto traduzido, seja ele prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores de língua inglesa se soarem fluentes, ou seja, quando especificidades linguísticas, estilísticas e culturais não atrapalhem sua ‘transparência’. Para o autor, a tradução transparente finge refletir a personalidade ou intenção do autor estrangeiro, aparentando tratar-se de um texto originalmente escrito no idioma para o qual foi traduzido (VENUTI, 1995). O pesquisador explica que, ao imporem nas traduções os valores culturais anglo-americanos, as editoras britânicas e norte-americanas não só almejam lucrar mais, como também contribuem para produzir culturas majoritariamente monolíngues e pouco receptivas ao que é de fora, gerando, assim, nos leitores, a sensação narcisística de reconhecer a cultura do outro como se fosse a sua. Essa relação demonstraria a violência que reside na própria finalidade e atividade da tradução, já que reconstituir o texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações preexistentes na língua de chegada reafirma o vínculo de dominância e marginalidade que determina a produção, circulação e recepção de textos (VENUTI, 1995). Seguindo essa estratégia, a tradução se configura na substituição da diferença linguística e cultural do texto estrangeiro por um texto que será inteligível para o leitor do idioma de chegada.

O pesquisador adverte, contudo, que embora o efeito seja apenas ilusório, já que a tradução sempre deixará rastros do TP, a busca pela transparência evidencia a “auto aniquilação” do tradutor, já que este invisibiliza o próprio trabalho, e reforça o *status* marginal da tradução (VENUTI, 1995, p. 8). Apoiando-se na preferência de Schleiermacher ([1813] 2000), Venuti (1995) advoga pela tradução estrangeirizadora, já que, para esses pesquisadores, uma estratégia que visa tornar o texto traduzido um lugar onde um outro cultural se manifesta seria a mais ética: “Estrangeirizar a tradução em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e racismo, narcisismo cultural e imperialismo, e

interessa às relações geopolíticas democráticas” (VENUTI, 1995, p. 20)<sup>5</sup>. Em suma, Venuti (1995) defende que o principal objetivo da tradução estrangeirizadora é desenvolver uma teoria e prática de tradução que resista aos valores culturais dominantes da língua-alvo, de modo a significar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro.

Para Landers (2001), existe um abismo entre as teorias e a prática da tradução e, nesse sentido, chama a atenção para, nas suas palavras, “a doutrina conhecida como ‘resistência’” (LANDERS, 2001, p. 50), advogada especialmente por Lawrence Venuti, e questiona: “quem, além dos acadêmicos, iria querer ler um texto sobrecarregado de gramática, idiomatismos e sintaxe estrangeiras?” Como salientamos anteriormente, Landers acredita que a ‘resistência’ acabaria forçando o tradutor a reproduzir possíveis problemas do TP. Ademais, para ele, em geral, uma tradução é entendida como bem-sucedida quando não soa como tradução.

Diante das colocações de Landers, parece que o autor associa a estratégia estrangeirizadora com tradução literal, ou seja, palavra-por-palavra, nos termos de Aubert (1998), que, de fato, resultaria em um texto praticamente ilegível na língua de chegada, já que raramente as línguas compartilham estruturas gramaticais, metáforas, expressões idiomáticas, além de referências culturais. Sobre os tradutores que adotam a estratégia da resistência, Landers (2001) afirma que evitam e perseguem, conscientemente, tudo que possa trair o estranhamento do texto de partida, entre eles, fluência e transparência. Para Landers, essa resistência prejudica a leitura e, portanto, é indesejável. Afinal, para ele o interesse do autor é ser lido em uma cultura estrangeira e, para isso, a obra precisa ser traduzida de forma acessível. Do contrário, o produto final será apenas um “*succès d’estime*”. (LANDERS, 2001, p. 53).

Landers (2001), portanto, afirma se identificar com os *targeteers*, ou seja, sua estratégia tradutória se orienta pela língua de chegada, e justifica sua preferência: “Em suma, eu resisto à resistência: a tradução literária já é difícil demais sem a introdução intencional de elementos de ofuscação.”<sup>6</sup> Contudo, ao menos nesse ponto da argumentação, Landers não parece deixar claro exatamente o que entende por elementos que ‘ofuscam’ o texto traduzido, salvo pelos exemplos já mencionados sobre as implicações de se reproduzirem erros gramaticais ou factuais, ou a reprodução de estruturas gramaticais típicas da LP no TC.

Conforme discutido, para Venuti (2005), a tradução pode estimular a formação de identidades nacionais tanto na escolha dos textos estrangeiros quanto nas estratégias discursivas aplicadas durante o processo tradutório. Dessa forma, a tradução pode servir a uma agenda nacionalista, ainda que o tradutor não tenha consciência dessa intenção. Para ilustrar a diferença entre o que o tradutor pretende e o que faz, na prática, ele cita a tradução para o inglês da obra *Le cosmicomiche*, do italiano Italo Calvino (1965). Na versão em língua inglesa, de 1968, William Weaver traduz *ricotta*, tipo de queijo utilizado no TP como analogia com a lua, por palavras familiares ao estadunidense, como *cream cheese*, *cheese* and *spongy*

---

<sup>5</sup> No original: “Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.”

<sup>6</sup> No original: “In short, I resist resistance: literary translation is hard enough without intentionally introducing elements of obfuscation.”



*cream*, estratégias que, segundo Venuti (2005), constituem mudanças lexicais que ‘assimilam’ um elemento cultural da língua italiana para se adequar a termos familiares ao leitor estadunidense.

De acordo com sua análise da tradução de *Le cosmicomiche*, Venuti (2005) conclui que, se considerada no todo, ela se dá de forma ‘literal’, ainda que buscando a convencionalidade da língua inglesa, até que um termo cultural – como *ricotta* – aparece. Nesses momentos, a tradução revela a estratégia anglocêntrica, comumente utilizada para facilitar a inteligibilidade dos leitores de língua inglesa, criando, para o leitor, a impressão de estar lendo um texto originalmente escrito na sua língua materna, ou seja, ele tem a ilusão de ‘transparência’. Diante dos argumentos apresentados, podemos inferir que Venuti (2005) associa a tradução da obra à estratégia domesticadora devido não à adequação das estruturas linguísticas àquelas convencionais à língua inglesa, mas sim à substituição de referências culturais presentes na obra original por elementos familiares à cultura de chegada, ainda que essa solução tradutória não seja consciente.

Citando uma entrevista com o referido tradutor, Venuti (2005) comenta que, ao ser questionado se as traduções deveriam revelar o estranhamento característico de um texto de cultura distinta, Weaver responde afirmativamente, justificando que o texto traduzido não deveria soar como se tivesse sido escrito na língua inglesa. Ou seja, o tradutor acredita ter adotado a estratégia estrangeirizadora, no sentido em que teria sido ‘fiel’ à obra original.

Exemplos semelhantes ao apresentado por Venuti em sua análise da tradução da obra italiana também podem ser observados em traduções de romances brasileiros para a língua inglesa, inclusive na obra investigada neste estudo, *O xangô de Baker Street*. Em uma pesquisa sobre as estratégias tradutórias para recuperar, na língua inglesa, ‘cachaça’, palavra encontrada em diferentes romances originalmente escritos na língua portuguesa do Brasil, Rebechi (2012) conclui que essa referência cultural brasileira foi traduzida de diversas formas – *crude brandy, sugarcane brandy, rum, spirits, spirit e sugarcane rum*. Em *O xangô de Baker Street*, ‘cachaça’ é traduzida por (*sugarcane*) *rum* e *alcohol* em diversas passagens, exceto em uma que recria a suposta invenção da ‘caipirinha’, trecho em que se dá o JP com ‘caipira’, como será explicado adiante.

A inconsistência na tradução de elementos culturais brasileiros, e de nomes próprios, em *O xangô de Baker Street* também é observada por Bentes (2005), que conclui que o tradutor adota diferentes estratégias até mesmo para um único item, corroborando o que observamos em relação a ‘cachaça’.

Diante do exposto, podemos concluir que, embora conscientemente demonstrem a intenção de privilegiar uma ou outra estratégia, Weaver e Landers recorrem à domesticação e à estrangeirização em diversos momentos de sua prática tradutória. E por mais que essas opções aparentem ser escolhas individuais do tradutor, as estratégias que predominam na tradução resultam de aspectos da cultura dominante, mas não significa que sejam sempre as mais adequadas (ASENSIO, 2021).

## Metodologia

Conforme explicitado em Silva (2015), o levantamento dos JPs discutidos neste artigo se deu de forma semiautomática, de acordo com os pressupostos da Linguística de Corpus, definida por McEnery e Hardie (2012, p. 1) como “área que enfoca um conjunto de procedimentos ou métodos para o estudo da língua”<sup>7</sup>. Esse método envolve a compilação e exploração de conjuntos de textos (corpora) coletados segundo critérios bem definidos e armazenados de forma que sejam processáveis por computador. Cumpre mencionar que o presente artigo é o recorte de uma investigação que se baseia na categorização de Tognini-Bonelli (2001) e se reconhece primordialmente como um ‘estudo direcionado pelo corpus’. Essa afirmação se ancora na ideia de que os dados analisados foram selecionados considerando-se os padrões evidenciados pela lista de palavras-chave e linhas de concordância do próprio corpus, e não selecionados a priori, a partir da leitura sequencial do romance.

Desse modo, o caminho percorrido para se chegar ao estudo dos JPs ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’, presentes no romance *O xangô de Baker Street* (SOARES, 1995), partiu da exploração da lista de palavras-chave do corpus, seguida da análise das linhas de concordância geradas a partir dessas palavras-chave. Por sua vez, tanto a lista de palavras-chave quanto as linhas de concordância foram elaboradas por meio da ferramenta de análise textual WordSmith Tools 6.0 (SCOTT, 2012). A identificação das estratégias tradutórias foi possibilitada pelo alinhamento do TP e do TC na mesma ferramenta.

Na próxima seção discutiremos mais detalhadamente as estratégias tradutórias adotadas nos JPs ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’, e mencionaremos outros JPs que contribuem para a compreensão das conclusões obtidas com este estudo.

## Análise

Nesta seção, discorreremos acerca das escolhas tradutórias realizadas pelo tradutor de *O xangô de Baker Street* ao traduzir o romance para a língua inglesa. Serão discutidas as estratégias aplicadas aos JPs por nós denominados ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’, com especial ênfase nos aspectos relacionados aos fenômenos de domesticação versus estrangeirização e sentido versus efeito humorístico. Outros JPs serão mencionados, sem, contudo, nos aprofundarmos em sua análise.

### JP ‘Da Roda’

Abaixo, apresentamos o contexto em que o JP aparece no TP em português (1a), seguido da tradução publicada em língua inglesa (1b):

(1a) - Já se sabe quem é a rapariga?

---

<sup>7</sup> No original: “area which focuses upon a set of procedures, or methods, for studying language [...]”.

- Já. Chama-se Carolina de Lourdes Calixto. Era da Roda.

- Percebo, mais uma prostituta - declarou Sherlock Holmes, pensando que "roda" era uma gíria que denominava a zona do meretrício.

(1b) *Is the girl's identity known?*

*Yes. Her name is Carolina de Lourdes Calixto. She was from the Wheel.*

*I understand. "Another prostitute", stated Sherlock Homes thinking that "wheel" was slang denoting the street of fallen women.*

O JP ‘Da Roda’ é compatível com a classificação de Delabastita (1996) para ‘homofonia’, isto é, estruturas (palavras) que apresentam grafia diferente e som idêntico, já que é elaborado a partir das palavras ‘Roda’ e ‘roda’, conforme se observa na discussão a seguir. O JP se encontra na parte do romance em que o corpo de Carolina de Lourdes Calixto, vítima de Miguel Solera de Lara, recebe os procedimentos iniciais de perícia médico-legista, ainda na rua, onde foi encontrado por transeuntes.

Ao responder à indagação de Sherlock Holmes acerca da identificação da vítima, o delegado Mello Pimenta informa o nome da moça e diz também que ela era da ‘Roda’. Ao ouvir a expressão, Sherlock Holmes conclui erroneamente que se trata de uma prostituta, possivelmente porque o detetive inglês associa a palavra ‘Roda’ (neste caso, nome próprio) a ‘roda’ (gíria). Para ele, a palavra ‘roda’ estaria relacionada, na gíria brasileira, à ‘zona de meretrício’.

No romance, ‘Roda’ refere-se à instituição de caridade Roda dos Expostos, também conhecida como Roda dos Enjeitados e Casa dos Expostos, que, de fato, existiu no Rio de Janeiro de 1738 até a década de 1950. ‘Roda’ era o equipamento colocado à entrada do prédio da instituição de caridade e que servia para acolher sigilosamente crianças (principalmente recém-nascidas) deixadas na instituição. De acordo com Jô Soares, “A Roda era assim chamada porque, à entrada lateral do edifício, havia uma porta grossa de madeira sobre a qual se via uma fresta tapada por um cilindro giratório, também de madeira, com duas prateleiras onde depositavam os bebês indesejados” (SOARES, 1995, p. 210).

A vítima de Miguel Solera de Lara não era prostituta, mas uma jovem que servia voluntariamente na Roda dos Expostos. Teria sido confundida pelo assassino que, de fato, perseguia prostitutas nas ruas escuras do Rio de Janeiro. Como chovia muito na noite do crime, Carolina demorou mais tempo do que de costume na instituição, de lá saindo já muito tarde. Tornou-se alvo do assassino porque não era costume à época a presença de moças ‘de família’ nas ruas àquelas horas, especialmente desacompanhadas.

Quanto à palavra ‘roda’, que Sherlock Holmes pode ter associado a uma gíria brasileira relacionada à prostituição, observa-se que o sentido recuperado pelo detetive inglês, de fato, existe, embora não ocorra com grande frequência, pelo menos no Corpus do Português (DAVIES, 2016), repositório de mais de um bilhão de palavras com diferentes variantes de português. Realizada a busca pela expressão ‘da roda’, com dezessete ocorrências somente nos textos brasileiros que compõem o corpus, com quase 320 milhões de palavras, os

resultados obtidos não retornaram a acepção do vocábulo conforme aquele possivelmente imaginado por Sherlock Holmes. Contudo, uma pesquisa realizada com o motor de busca Google identificou ocorrências da expressão ‘(mulher) da roda’, no sentido imaginado pelo confuso detetive na ficção de Jô Soares, no romance *Maria Dusá* (ROCHA, 1980), nos trechos reproduzidos a seguir (grifo nosso):

“Uma prova: não vemos famílias honestas receberem em seu seio, com afagos e carinhos, a dona Messalina, chamada aqui *mulher da roda*?” (p. 31)

“— Lá está a Maria Dusá! É aquela morena, de vestido cor-de-rosa, decotado, que está de cabelo solto, brincos e medalha de brilhantes, presa ao pescoço por um veludinho cor-de-rosa. Aquelas outras também são *da roda*.” (p. 45)

Outra hipótese é que o mal-entendido tenha sido gerado pelo fato de Sherlock Holmes, falante não nativo da língua portuguesa, ter confundido ‘da roda’ com ‘rodada’, adjetivo geralmente atribuído a mulheres (pelo menos nos contextos mencionados), e que apresenta conotação relacionada a prostituição ou comportamento sexual em desacordo com os padrões sociais mais ortodoxos. No Corpus do Português, a palavra ‘mulher’ aparece como o 20º colocado (palavra que ocorre no entorno da palavra de busca com frequência maior do que a esperada) mais frequente da palavra de busca ‘rodada’, totalizando 61 ocorrências.

Conforme se observa, o JP em português é construído com as palavras ‘Roda’ e ‘roda’, e, em *A samba for Sherlock* a tradução dessas palavras ocorre de forma literal, ou seja, por meio dos equivalentes *prima facie* ‘Wheel’ e ‘wheel’, respectivamente. Em razão do exposto a respeito das expressões ‘da roda’ e ‘rodada’, consideramos que, no contexto em que aparece no romance, a palavra ‘roda’ assume um sentido jocoso, o que empresta ao JP um tom engraçado, especialmente se considerarmos que Sherlock Holmes não domina as nuances da língua, sobretudo no que se refere aos coloquialismos e gírias. Embora um JP, enquanto tal, não tenha necessariamente de ser engraçado, essa característica por si só ajuda a atrair a atenção do leitor, conferindo ao JP maior visibilidade.

Observa-se, entretanto, que as formas ‘Wheel’ e ‘wheel’ aparentemente não suscitam no leitor da língua-alvo o efeito produzido no leitor da língua-fonte, especialmente pelo fato de que não há uma relação de sentido idêntico entre todas as acepções dos pares ‘Wheel’/‘wheel’ e ‘Roda’/‘roda’. Na verdade, o vocábulo ‘Roda’ possui um sentido bastante distinto daquele atribuído à palavra ‘roda’, por Sherlock Holmes, já que o primeiro está relacionado a caridade, compaixão, altruísmo, enquanto o segundo estaria relacionado a prostituição.

Ainda que *wheel* tenha, entre suas diversas acepções, o sentido de ‘relacionar-se eventualmente, sem compromisso sério’, conforme o dicionário informal online de gírias e frases em inglês *Urban Dictionary*<sup>8</sup>, coloquialismo semelhante a ‘ficar’, em português brasileiro, não se pode afirmar que a tradução teria o mesmo efeito do original, além de não

<sup>8</sup> <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=wheel>.

ser condizente com o vocabulário usado na época em que se desenrola a trama. Sendo assim, é possível inferir que essas relações de sentido tendem a não ser construídas de forma semelhante entre leitores do texto original e do texto traduzido, pois as palavras ‘*Wheel*’ e ‘*wheel*’ provavelmente não serão acessadas da mesma forma que ‘Roda’ e ‘roda’, pelo menos para a maioria do público leitor da obra em inglês. Desse modo, considera-se que o JP em si, observados os aspectos semânticos, não foi plenamente reconstruído no texto traduzido.

Quanto à análise das estratégias tradutórias no que concerne à domesticação e à estrangeirização, para Venuti (1995), o principal objetivo da tradução estrangeirizadora é desenvolver uma teoria e prática de tradução capazes de resistir aos valores culturais dominantes da língua-alvo, de modo a significar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. Com isso em mente, verificamos dois aspectos que merecem discussão: o primeiro é que a tradução do JP ‘Da Roda’ traduzido literalmente por ‘*Wheel*’ desconsidera um elemento cultural importante do texto de partida, pois, conforme comentamos, a ‘Roda’ representa um elemento que ajudou a compor a história e a cultura da sociedade brasileira desde o Brasil Imperial até a década de 1950. Considerando o leitor estadunidense, a quem é direcionada a tradução em análise, embora ‘*Wheel*’ seja grafada com inicial maiúscula, sugerindo tratar-se de substantivo próprio, e não uma roda qualquer, a verdade é que não permite o acesso ao elemento sócio-histórico em questão. Isso nos autoriza, então, sugerir que a tradução do JP em análise privilegia a estratégia domesticadora, em que elementos próprios da cultura da LP são omitidos, passando assim, ao leitor da LC a impressão de que não tem em mãos um texto traduzido, situação em que, nas palavras de Schleiermacher ([1813] 2000), o autor é levado ao leitor.

O segundo aspecto que merece discussão acerca da estratégia adotada na tradução do JP ‘Da Roda’ é que, se, de um lado, a tradução literal ofusca um elemento cultural importante da LP, de outro, essa estratégia não permite, como dito anteriormente, a recuperação do JP em si na língua inglesa. Em outras palavras, não obstante a visão do tradutor de *O xangô de Baker Street* sobre a necessidade de recriação dos efeitos ou “reações emocionais e psicológicas”<sup>9</sup> (LANDERS, 2001, p. 49) no leitor do texto traduzido, o nosso entendimento é o de que a tradução do JP ‘Da Roda’ não consegue recuperar esses efeitos, já que ‘roda’ e ‘Roda’ podem sugerir reações “emocionais e psicológicas” não acessíveis por meio de ‘*wheel*’ e ‘*Wheel*’.

Dito isto, reforçamos a ideia de tradução como uma atividade extremamente desafiadora e que o presente artigo propõe uma abordagem descritiva do problema, de modo que não é intenção dos autores preencher eventuais lacunas relacionadas ao processo de tradução do texto em análise; entretanto, consideramos oportuno refletir acerca das possibilidades à disposição do tradutor.

Parece consensual a noção de que o ato tradutório envolve, quase sempre, perdas e ganhos para os dois lados envolvidos na mediação; é, pois, nesse sentido, que entendemos a proposição de Nord (2006, p. 32), ao afirmar que “uma das estratégias mais importantes de produção textual consiste em encontrar o equilíbrio necessário entre informações novas e as

---

<sup>9</sup> No original: “emotional and psychological reaction.”

já conhecidas”<sup>10</sup>. Assim, considerando a noção de ‘equilíbrio’ nas perdas e ganhos e tendo em vista a complexidade da tradução de JPs, especialmente quando estão em jogo elementos constitutivos de uma dada cultura nacional, sopesamos as possibilidades à disposição do tradutor para a promoção do referido equilíbrio. No caso do JP ‘Da Roda’, uma possibilidade com potencial de recriar o JP em inglês, preservando-se o elemento cultural brasileiro (Roda), seria manter a palavra ‘Roda’ e criar um JP fonológico com *whore*, em vez de usar a palavra *prostitute*. Obviamente precisaríamos contar com a ‘boa vontade’ do leitor para associar os sons de ‘Roda’ e ‘whore’, já que não são idênticos. O resultado seria: “*Her name is Carolina de Lourdes Calixto. She was from the Roda. I understand. Another whore.*” em substituição a “*Her name is Carolina de Lourdes Calixto. She was from the Wheel. I understand. Another prostitute.*”. É desnecessário mencionar que esta não pretende ser uma solução perfeita para a tradução do JP, da mesma forma que não pretende esgotar as possibilidades criativas eventualmente à disposição do tradutor.

### JP ‘Profundamente’

Abre o capítulo quatro de *O xangô de Baker Street* a descrição da cena em que o assassino contumaz Miguel Solera de Lara realiza a leitura do livro *Précis d'anatomie et de dissection*, de H. Beaunis. Interessa-lhe especialmente a parte do livro sobre dissecação. O exterminador sanguinário de moças que lhe parecem prostitutas é criativo e não quer repetir nas próximas vítimas o golpe que matou a primeira. É por essa razão que, “na madrugada abafada e úmida do seu quarto quase monástico” (SOARES, 1995, p. 37), Miguel lê vorazmente a parte sobre dissecação, onde depara com o trecho em que se insere o JP, isto é, a parte em que H. Beaunis orienta sobre o modo de separar a pele do músculo por meio de uma incisão profunda na pele, em francês, *couper profondément*, levando-o a divagar sobre as diferenças linguísticas entre os dois idiomas:

(2a) Prefere o português: profundamente, profunda mente, mente profunda.

(2b) [trecho não traduzido]

O JP, que tem como elementos principais as formas ‘profundamente’ e ‘profunda mente’, apresenta características do que Delabastita (1996) considera um JP vertical, ou seja, aquele cujos elementos são dispostos na mesma porção de texto. Considerando a relação forma versus sentido, de acordo com o que propõe Delabastita (1996), o JP se classifica como ‘homofonia’, já que os seus elementos principais (‘profundamente’ e ‘profunda mente’) apresentam grafias diferentes e sons idênticos.

O primeiro elemento (profundamente) é um advérbio e se refere, no texto, ao modo de cortar, indicando que o corte na pele deve ser ‘profundo’, portanto, deve-se cortar ‘profundamente’. O segundo elemento é composto por duas palavras, ‘profunda’ e ‘mente’.

<sup>10</sup> No original: “[o]ne of the most important text-producing strategies is to find the appropriate balance between new and old information.”

A primeira é um adjetivo cujo significado é o oposto de ‘raso’, ‘superficial’. A segunda palavra é um substantivo feminino, sinônimo de ‘entendimento’, ‘intelecto’ e ‘espírito’, de acordo com o ‘Dicionário Online de Português’ (MENTE, 2022).

A forma ‘profunda mente’ não é o que se pode chamar de um uso comum na língua portuguesa, já que posicionar o adjetivo antes do substantivo indica mudança de ênfase; além do que é ambígua, especialmente se utilizada na comunicação oral, podendo ser confundida com ‘profundamente’. Naturalmente, a ambiguidade é explorada na elaboração do JP, que também explora o aspecto da metalinguagem. Nesse JP, o autor deixa claro que se refere à língua portuguesa, por meio da frase ‘Prefere o português’; além disso, explica o sentido de ‘profunda mente’ com a forma ‘mente profunda’ após a vírgula, realizando a desambiguação daquilo que tornou ambíguo, propositadamente, como parte da estratégia de elaboração do JP.

No que concerne à discussão de estratégias domesticadoras e/ou estrangeirizadoras relacionadas ao JP ‘Profundamente’, recorremos a Koglin e Morales Klee (2021) que, ao tratarem da domesticação com base em Venuti (2008), afirmam que a estratégia etnocêntrica subjuga os valores culturais do TP à cultura receptora, “produzindo traduções estilisticamente transparentes, fluentes e invisíveis, com o objetivo de minimizar o caráter estrangeiro do texto traduzido” (KOGLIN; MORALES KLEE, 2021, p. 258).

Com base no que afirmam as autoras, entendemos a opção por não traduzir o JP como uma estratégia tradutória domesticadora, uma vez que o texto do JP revela o ‘estrangeirismo’ do romance escrito originalmente em português e que é construído observando-se também aspectos metalinguísticos que evidenciam o idioma original do texto de partida: ‘Prefere o português: profundamente, profunda mente, mente profunda’.

Em entrevista, Landers admite que nem sempre foi possível oferecer uma solução tradutória apropriada para piadas e trocadilhos presentes em *O xangô de Baker Street*, e que, nesses casos, recorreu à compensação em outras passagens do romance, a fim de recuperar o efeito cômico perdido anteriormente (BENTES, 2005). Talvez a omissão do JP em questão exemplifique essa solução, mas não podemos afirmar que seja o caso.

A exemplo do que discutimos em relação ao JP ‘Da Roda’, entendemos pertinente explorar possibilidades quanto à reconstrução do JP ‘Profundamente’, de modo especial porque no caso deste, como visto, não foi apresentada uma proposta de tradução para o texto em inglês. O texto original denuncia sua origem estrangeira ao dizer, o personagem Miguel Solera de Lara, que ‘prefere o português’, comparando esse idioma com o francês. Se adotarmos o procedimento apontado por Schleiermacher ([1813] 2000) de levar o leitor até o autor, é possível propor uma tradução, estrangeirizadora como “*He prefers Portuguese: profundamente, profunda mente, mente profunda*”. Já a domesticação – por exemplo, “*He prefers English: profoundly, profound mind, mind profound*”, valendo-se do cognato da palavra ‘profundo’, acarretaria a perda do trocadilho com o advérbio, já que o sufixo ‘mente’ se traduz de forma literal por ‘ly’ em língua inglesa. Mais uma vez, observamos a dificuldade de se recuperar na tradução todos os elementos do trocadilho no texto original.

*Outros JPs*

Além dos JPs ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’, discutidos de forma mais ampla, o romance, de viés humorístico, apresenta vários outros, que não serão detalhados aqui por limitação de espaço, e por terem sido analisados anteriormente quanto às estratégias de recuperação dos JPs, como em Silva (2018), por exemplo. Aqui, parece-nos suficiente classificá-los de acordo com a dicotomia estrangeirização/domesticação, foco deste artigo. O primeiro é ‘caipirinha’, discutido detalhadamente em Silva (2019), e retomado a seguir:

(3a) - Não sei, uma invenção daquele caipira ali - disse, apontando para o chapéu de vaqueiro de Watson.

- Qual deles, o grandão? - perguntou o rapaz, indicando Sherlock Holmes, todo de branco.

- Não, o caipira grande está só bebendo. Quem preparou foi o menorzinho, o caipirinha - respondeu o proprietário, batizando assim, para sempre a exótica mistura.

(3b) *‘I don’t know, something invented by that caipira there’, he said pointing to Watson’s cowboy hat and using the Brazilian term for a hick. ‘Which hick, the big one? asked the young man, indicating Sherlock Holmes, who was dressed all in white.’ ‘No, the big caipira is just drinking it. The one who made it is the little hick, the caipirinha, replied the owner. Thus was baptized the exotic mixture that is Brazil’s national drink.’*

Esse JP é construído com os sentidos da palavra ‘caipirinha’, que se refere, no texto, tanto ao diminutivo de um homem dito ‘matuto’, ‘da roça’, quanto ao coquetel tipicamente brasileiro, à base de cachaça, limão, açúcar e gelo. No romance, insere-se no diálogo entre o proprietário de um bar e o balconista, que estranham as vestimentas de Holmes e Watson, apelidando-os, respectivamente, ‘caipira’ e ‘caipirinha’, devido às diferentes estaturas. Os amigos entram no bar atendendo ao convite do doutor Saraiva, que, notando que Holmes sente náuseas, possivelmente decorrentes da bebedeira da noite anterior, sugere que o detetive experimente uma dose de cachaça. Watson, contudo, aconselha o amigo a misturar gelo, açúcar e limão, para suavizar o efeito da forte aguardente. Assim teria sido batizado o famoso coquetel, na ficção de Jô Soares. É nessa coincidência formal, portanto, que reside a homonímia (DELABASTITA, 1996), já que a palavra ‘caipirinha’ serve tanto para designar o homem (ou mulher) ‘caipira’ de baixa estatura quanto a bebida. Assim, têm-se duas palavras (estruturas linguísticas) com grafia e som idênticos, mas com significados diferentes. Na tradução, Landers oscila entre a estrangeirização e a domesticação, ora utilizando os empréstimos ‘caipira’ e ‘caipirinha’, ora optando pela adaptação – *hick* –, precedida de explicação.

É interessante notar que, durante o diálogo na tradução, um dos interlocutores faz um comentário usando o estrangeirismo – ‘caipira’ –, sendo que o tradutor/narrador complementa, informando que se trata de termo brasileiro, e o outro pergunta utilizando o



termo conhecido pelos leitores de língua inglesa – *hick*. Finalmente, o tradutor adiciona outra explicação. Dessa vez com o intuito de deixar claro para o leitor o fato de que ‘caipirinha’ é uma bebida ‘nacional do Brasil’, isto é, uma bebida representativa do país. Vale mencionar que é nessa altura da trama que o termo ‘cachaça’ é mantido como estrangeirismo na tradução, sendo que em outras quatro passagens o tradutor opta pelo hiperônimo *alcohol* ou pela adaptação *rum* – escolha feita, inclusive, em um trecho que recria um ritual da religião afro-brasileira candomblé –, além da explicitação *sugarcane rum*, em momento que o narrador retoma a predileção de Holmes pelo coquetel brasileiro ‘inventado’ para curar sua ressaca.

A informação nova é referida como ‘interpolação’ e discutida pelo próprio tradutor em seu livro *Literary translation: a practical guide*, definindo a estratégia como forma de transmitir informação já conhecida pelo leitor do TP, mas não do leitor do TC. Landers (2001) define a estratégia como o acréscimo de uma palavra ou frase acrescentada discretamente ao texto. Assim, poderíamos nos perguntar de que forma o tradutor discerne com precisão aquilo que é ou não conhecido pelo leitor do TP, especialmente quando se trata de uma obra que pretende recriar o cenário e a linguagem do final do século XIX, mas que é publicada no final do século XX.

Analisando as estratégias tradutórias de elementos culturais em *O xangô de Baker Street*, Bentes (2005) observa, por exemplo, que ‘lundu (de escravos)’ é traduzido de forma explicativa por (*slave’s*) *song*, mas não se pode afirmar que o leitor brasileiro conheça a palavra que designa um conjunto de canções populares inspiradas em ritmos africanos. Enquanto isso, vocábulos específicos de determinadas religiões e, portanto, desconhecidos também dos brasileiros não praticantes – babalorixá, ilê, ogã axogum, entre outras – foram mantidas como estrangeirismos na tradução, sem explicações adicionais. Além disso, também poderíamos questionar o que o autor/tradutor denomina intervenções ‘discretas’ no texto traduzido. Será que a tradução de ‘feijoada’ por *feijoada lunch* realmente reduz o estranhamento do leitor em relação à refeição composta por uma sequência de pratos, tendo como carro-chefe o cozido de feijão preto e partes do porco?

Mas voltemos aos JPs, que são o foco desta pesquisa. Em uma passagem em que o assassino de mulheres se ressentia por não ter ainda conseguido se vingar daquela que considera “a grande puta” (SOARES, 1995, p. 268), ele pronuncia um trocadilho com o nome da cidade onde residia a família real e as palavras ‘puta’ e ‘pútrido’ – ‘Petrópolis, Putrípolis, Putrópolis’ –, valendo-se da paronímia, recurso utilizado entre palavras que apresentam formas semelhantes, mas sentidos diferentes (DELABASTITA, 1996):

(4a) Petrópolis seria o mausoléu perfeito para a grande puta. Petrópolis, cidade apodrecida pela corte. Petrópolis, Putrípolis, Putrópolis.

(4b) *Petrópolis would be the perfect mausoleum for the great whore. Petrópolis, a city putrefied by the court. Petrópolis, Putrípolis, Putrópolis.*

A tradução do trecho onde se encontra o JP se dá, em grande parte, de forma literal. O primeiro trecho – (1) ‘Petrópolis seria o mausoléu perfeito para a grande puta’ – é traduzido por (1) ‘*Petrópolis would be the perfect mausoleum for the great whore*’. Conforme se verifica, todas as palavras são traduzidas por meio de equivalentes ‘diretos’, *prima facie*, do mesmo modo que a estrutura sintática da frase também é preservada na língua-alvo.

O trecho seguinte, por sua vez, também é reconstruído literalmente na tradução, de acordo com o que se observa. A frase – (2) ‘Petrópolis, cidade apodrecida pela corte’ – é traduzida por (2) ‘*Petrópolis, a city putrefied by the court*’.

Na última parte, onde se encontra o JP propriamente dito, o tradutor reproduz integralmente o trecho da língua-fonte na língua-alvo. Contudo, o leitor do texto-alvo provavelmente não possui elementos para recuperar o jogo de sentidos do JP escrito para o público brasileiro e reproduzido *ipsis litteris* na tradução. Em outras palavras, entende-se que o sentido do JP em que ‘Putrípolis’ e ‘Putrópolis’ referem-se a ‘puta’ não é recuperado em inglês, já que no TC a palavra ‘puta’ foi traduzida pelo seu correspondente *whore*.

O segundo ponto a ser salientado é que, embora o sentido do JP em português não tenha sido recuperado, observa-se que no texto da língua-alvo o tradutor recria o JP com outra palavra, *putrefied*, que é um equivalente direto da palavra ‘apodrecida’, e se encontra no texto do JP, embora não seja um de seus elementos. Desse modo, observa-se que o texto traduzido apresenta um JP com sentido diferente do JP na língua de partida, valendo-se da estratégia da compensação.

## Discussão

Conforme mencionamos anteriormente, o romance analisado é abundante em JPs e, por limitação de espaço, não foi possível analisar as estratégias tradutórias de todos eles, nem a implicação para a manutenção – ou não – de seu efeito no texto traduzido. Também ressaltamos que não é nossa intenção formar juízo de valor acerca da versão em inglês do tradutor Clifford Landers, e reforçamos que as soluções tradutórias aqui sugeridas para os JPs ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’ não pretendem esgotar as possibilidades de tradução. Nesta pesquisa, focamos a questão da domesticação/estrangeirização de alguns JPs, confrontando essas estratégias com a declarada preferência do tradutor. Por meio dos JPs analisados, observamos que o tradutor domesticou e estrangeirizou, inclusive omitindo trechos e utilizando diferentes estratégias para solucionar questões tradutórias de um mesmo elemento que desencadeia o JP. Assim como Venuti (2005) identificou na tradução da obra italiana para a língua inglesa, observamos uma discrepância entre o que o autor Clifford Landers acredita fazer e o que de fato faz como tradutor. De todo modo, entendemos que o objetivo da tradução do romance estudado era o de recuperar o humor elaborado para o público brasileiro, e que para isso, o tradutor se valeu de diferentes possibilidades, como estrangeirização, domesticação, omissões e, possivelmente, compensações.

## Considerações finais

Se ‘dizer é fazer’, como quer Austin (1990), dizer em outra língua também o é. Assim, o ato tradutório é por nós compreendido também como um ato político (Cf. VENUTI, 2005) e, ao traduzir, o tradutor realiza escolhas que, de algum modo, revelam, de forma mais ou menos consciente, a sua atitude e posicionamento em relação à maneira como se organizam e interagem os diversos atores sociais da comunidade linguística em que está inserido. Ademais, falar de atividade política no âmbito da atividade tradutória enseja naturalmente a discussão acerca da ética na tradução (Cf. BERMAN; WOOD, 2005), de modo especial quando estratégias no âmbito da dicotomia domesticação e estrangeirização encontram-se em evidência.

As escolhas tradutórias são capazes de revelar, ainda, a atitude do tradutor acerca do próprio ato de traduzir, aí considerados a função do texto de partida, os propósitos da tradução, o público a quem se destina e as condições diversas de recepção do texto traduzido. Com isso em mente, este trabalho analisou as estratégias de tradução de JPs do romance *O xangô de Baker Street* (SOARES, 1995), e o fez com base no aparato teórico metodológico da Linguística de Corpus, que serviu principalmente para nortear a seleção semiautomática dos JPs.

Considerando que o foco principal deste artigo é a verificação de estratégias tradutórias domesticadoras e/ou estrangeirizadoras (VENUTI, 1995), mas sem deixar de levar em conta os efeitos (LANDERS, 2001) e sentidos do texto traduzido, observamos que, de modo geral, as estratégias adotadas pelo tradutor de *O xangô de Baker Street* para o inglês oscilam entre a domesticação e a estrangeirização, como no exemplo do JP ‘Caipirinha’.

Por outro lado, em relação às estratégias adotadas na tradução dos JPs ‘Da Roda’ e ‘Profundamente’, analisados com mais detalhamento neste artigo, o entendimento é o de que as estratégias escolhidas apontam para uma tradução mais domesticadora, estratégia que, a nosso ver, não demonstrou êxito na reconstrução – para o público da língua-alvo - dos efeitos pretendidos em relação ao público do texto ‘original’.

## Referências

- AGUIAR, S. M. *As vozes de Chico Buarque em inglês: Tradução e Linguística de Corpus*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ASENSIO, R. M. A tradução de referências culturais. *Tradterm*, 40, p. 29-61, 2021.
- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128/129, 1998.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARNET, S. *Coleridge on Puns: A Note to His Shakespeare Criticism*. *The Journal of English and Germanic Philology*, v. 56, n. 4, p. 602-609, 1957.
- BENTES, C. M. *Clifford Landers – tradutor do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) -

Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.) *Nation, language, and the ethics of translation*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005.

BREZOLIN, A. Humor: sim, é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo. *Tradterm*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 15-30, 1997.

CALVINO, I. *Le Cosmicomiche*. Milano: Mondadori, 1993 [1965].

CHESTERMAN, A. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2016.

CHIARO, D. *The language of jokes: analyzing verbal play*. London: Routledge, 1992.

DAVIES, M. (2016-). *Corpus do Português: Web/Dialects*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

DELABASTITA, D. (Introduction). *The translator: studies in intercultural communication – Wordplay & Translation*, v. 2, n. 2, Manchester: St. Jerome Publishing, 1996.

KOGLIN, A.; MORALES KLEE, M. Entre a domesticação e a estrangeirização: análise das estratégias de tradução em “Sejamos todos feministas”, *Tradterm*, v. 40, p. 250-275, 2021.

LANDERS, C. E. *Literary translation: a practical guide*. New York: Multilingual Matters, 2001.

McENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: method, theory and practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

MENTE. In: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mente/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

NORD, C. Loyalty and fidelity in specialized translation. *Confluência - Revista de Tradução Científica e Técnica*. 4, p. 29-41, 2006.

PALMER, A. S. *The Folk and their Word-Lore*. London: Routledge, 1904.

REBECHI, R. R. ‘Cachaça’ na tradução de obras literárias brasileiras para a língua inglesa. *Tradterm*, 20, p. 95-110, 2012.

REISS, K.; VERMEER, H. J. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Trad. Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal, 1996.

ROCHA, L. *Maria Dusá*. São Paulo: Ática, 1980.

ROSAS, M. *Tradução de humor: transcribando piadas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SCHÄFFNER, C. Functionalist approaches. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2 ed. New York: Routledge, 2009, p. 115-121.

SCHÄFFNER, C. Skopos theory. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. New York: Routledge, 1998, p. 235-238.

SCHLEIERMACHER, F. On the different methods of translating. Trad. Susan Bernofsky. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000 [1813]. p. 43-63.

SCHMITZ, J. R. Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo? *TradTerm*, São Paulo, 3, p. 87-97, 1996.

SCOTT, M. *Wordsmith Tools 6.0*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SILVA, N. R. B. A tradução de jogos de palavras em um corpus literário: uma revisão do modelo de Delabastita com o auxílio da Linguística de Corpus. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, n. 2, p. 347-378, mai-ago 2019.

SILVA, N. R. B. A tradução de jogos de palavras em um estudo direcionado pelo corpus. *Texto livre: linguagem e tecnologia*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 24-42, jan.-jul. 2018.

SILVA, N. R. B. *A tradução de jogos de palavras no romance O xangô de Baker Street*: uma revisão do quadro de estratégias de Delabastita com o auxílio da Linguística de Corpus. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOARES, J. *A samba for Sherlock*. Trad. Clifford E. Landers. New York: Pantheon Books, 1997.

SOARES, J. *O xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at work*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

VENUTI, L. Local Contingencies: Translation and National Identities. In: BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.) *Nation, language, and the ethics of translation*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005. p. 177-200.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995.

Recebido em: 14/01/2022.

Aceito em: 25/05/2022.